

## O COTIDIANO E AS RELAÇÕES DE GÊNERO NOS ASSENTAMENTOS DO ALTO SERTÃO DA PARAÍBA

MOREIRA NETO, Mariana<sup>1</sup>

FORTUNATO, Maria Lucinete<sup>2</sup>

PEREIRA LIMA, Thalita de Paula<sup>3</sup>

OLIVEIRA, Raimundo Janifran<sup>3</sup>

MOREIRA DE FARIAS, Ana Elizabete<sup>3</sup>

### Introdução

O Projeto de Extensão *Vivenciando as relações de gênero nos assentamentos* desenvolveu-se e vem desenvolvendo-se na perspectiva de estabelecer uma discussão mais profícua a respeito da importância histórico-cultural das relações de gênero e do papel que elas desempenham no desenvolvimento político e social, bem como contribuir para a vivência de novas relações sociais nos Assentamentos da Reforma Agrária no Alto Sertão da Paraíba. Para tanto, esta proposta de extensão está caminhando na direção de estabelecer um debate que possa causar impacto na prática educativa das pessoas que estão diretamente engajadas com a formação escolar e política nos assentamentos, qual sejam, professores e alunos das escolas dos assentamentos e a comunidade assentada.

O projeto foi realizado, a partir de julho de 2002, nos assentamentos de São Francisco, em Cachoeira dos Índios, Santo Antônio, Valdeci Santiago, Edvaldo Sebastião e Frei Damião, em Cajazeiras, e Acauã, em Aparecida. Em 2003 o projeto vem contemplando os Assentamentos de Santo Antônio, Valdeci Santiago, Edvaldo Sebastião e Frei Damião, em Cajazeiras.

### Objetivos

O Projeto *Vivenciando as relações de gênero nos assentamentos* vem sendo realizado na perspectiva de construir um trabalho político e educativo junto a assentamentos da Reforma Agrária no Alto Sertão da Paraíba, fortalecendo a compreensão das relações de gênero, no âmbito educacional e político. Para tanto, vem trabalhando no sentido de:

- Desenvolver discussões acerca de construção histórica e cultural do conceito de Gênero nas comunidades e com os professores que lecionam nas escolas dos assentamentos e como também os alunos destas referidas escolas;
- Realizar debates sobre temas que estão intimamente relacionados com esta temática, como as relações sociais desiguais entre homens e mulheres, a ausência feminina dos espaços públicos, a dominação masculina;
- Proceder à análise e compreensão das formas de construção das relações de Gênero a partir da educação, da família, da cultura, da religião;
- Implementar a discussão das questões de Gênero e das relações de diversidade que permeiam a realidade sócio-cultural nos assentamentos;
- Possibilitar a construção de ações e práticas educativas que reelaborem novas relações de Gênero nos assentamentos.

### Público Alvo

O Projeto *Vivenciando as relações de gênero nos assentamentos* teve, em sua primeira etapa, como sujeitos históricos de sua elaboração, à priori, os homens e as mulheres dos assentamentos da reforma agrária São Francisco, em Cachoeira dos Índios, Santo Antônio, Valdeci Santiago, Edvaldo Sebastião e Frei Damião, em Cajazeiras e Acauã em Aparecida. Sendo que, nesta próxima fase, serão assistidos somente os assentamentos de Cajazeiras; Por tratar-se de uma construção coletiva que, em última instância, está entremeada no processo de luta pela terra e pela permanência nela, institucionalmente, estes sujeitos históricos são representados pela Comissão Pastoral da Terra – CPT – Sertão, sediada em Cajazeiras, pela Central dos Assentamentos do Alto Sertão da Paraíba e pelas Associações Comunitárias dos Assentamentos.

---

<sup>1</sup> Professora do Departamento de Ciências Sociais do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Cajazeiras. Coordenadora do projeto.

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Ciências Sociais do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Cajazeiras. Coordenadora do projeto.

<sup>3</sup> Aluna do Curso de História do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Cajazeiras. Bolsista do Projeto durante o ano de 2002.

<sup>3</sup> Aluno do Curso de História do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Cajazeiras. Bolsista do Projeto durante o período de 2002-2003.

<sup>3</sup> Aluna do Curso de História do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Cajazeiras. Bolsista do Projeto durante o ano de 2003.

## Metodologia

O projeto foi e está sendo desenvolvido por base em dois eixos de ação. Por um lado se fundamenta nas discussões políticas acerca das questões de gênero e dar-se a partir da realização de debates, mesas redondas e utilização de multi- meios, como vídeos, filmes, etc., para a construção de uma compreensão do que sejam relações de Gênero, tais como: Gênero e relações desiguais de poder, dominação masculina, gênero e educação sexista, participação de homens e mulheres no mundo público e privado, relações de gênero na luta pela terra, gênero e trabalho, gênero e saúde, entre outras. Estas temáticas foram definidas na primeira etapa do projeto (julho a dezembro de 2002) a partir de propostas de professores das escolas dos assentamentos, das lideranças comunitárias e das comunidades assentadas, tendo por base as múltiplas maneiras como eles experienciam tais questões em seu cotidiano. Para o desenvolvimento deste trabalho, realizamos reuniões semanais, nas quais as equipes extensionistas discutem textos que abordam teórico-metodologicamente as questões relacionadas à temática de gênero e sua relação com aspectos como: educação, política, organização social e outros. Além disso, nestas reuniões são planejadas as atividades- debates, mesas redondas e oficinas temáticas- a serem realizadas junto às comunidades dos sete assentamentos e agora dos quatro, envolvidos nesta proposta.

## Conclusão

A nossa expectativa é de que este trabalho de extensão possa contribuir para que, nos Assentamentos da Reforma Agrária no Alto Sertão Paraibano, a educação escolar e o processo de formação política integrem a compreensão da importância histórico-cultural das relações de gênero e do papel destas relações para o desenvolvimento sócio-cultural destas áreas; causar impacto na prática educativa das pessoas que estão diretamente envolvidas com a formação escolar e política nos assentamentos (professores, membros das Associações de Assentados, lideranças comunitárias, membros da Central de Assentamentos); contribuir para que a ótica de gênero oriente a elaboração de projeto e programas de desenvolvimento para os assentados, a exemplo dos Planos de Desenvolvimento Locais Sustentáveis- PDLs; proporcionar as comunidades dos assentados rurais mencionados o conhecimento de como se processam as relações de gênero e de como elas são relações sociais criadas pela vivência humana e não práticas naturais que distinguem, separa e desvaloriza a partir de papéis masculinos e femininos.

Nas atividades realizadas com as comunidades, na primeira etapa, o desenvolvimento de dinâmicas como a “*dinâmica do novo*” revelou ser uma estratégia bastante produtiva e, a partir dos próprios depoimentos das mulheres e dos homens, a forma diferente de apresentação “*serviu para quebrar o nervosismo*”, facilitado o entrosamento, sobretudo, com pessoas com quem eles e elas não cultivam maiores intimidades e laços de amizade. Esta dinâmica também configurou-se como um momento de discussão e de abstração da idéia de construção das relações de gênero.

Os desenhos produzidos nas escolas, também são reveladores do cotidiano e das relações de gênero vivenciadas nos assentamentos, verificando-se como, espontaneamente, dar-se a formação de grupos de meninos e de grupos de meninas, revelando o caráter contraditório que marca as relações de gênero. As professoras, no entanto, afirmaram não estimular, em nenhum momento, a separação de meninas e meninos, seja na fila do recreio, nas brincadeiras, ou nas atividades em sala e aula.

A análise dos desenhos dos alunos revela que a educação familiar e escolar reforça as distinções de papéis, lugares e espaços determinados pelas relações de gênero confirmando o que enfatiza LOPES LOURO:

a escola delimita espaços. servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa “lugar” dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas (...). Suas marcas, seus símbolos e arranjos arquitetônicos “fazem sentidos”, instituem múltiplos sentidos, constituem distintos sujeitos. (LOPES LOURO, 1997;58)

Ao retratar o cotidiano do assentamento a aluna de uma escola de um assentamento, através de desenhos, exemplifica as questões de gênero, mostrando a mãe arrumando a casa “*ajudada*” pela irmã enquanto que ela e as amigas brincam de amarelinha; uma brincadeira considerada eminentemente feminina. Esta compreensão é revelada pelo desenho de alunos que mostram o pai cuidando da criação de abelhas, a mãe varrendo o quintal da casa, eles brincando de bola e as irmãs, de boneca.

Como verificamos nos desenhos este tipo de construção generizada da realidade está presente nos desenhos dos alunos de todos os assentamentos onde o projeto foi realizado, em sua primeira etapa, conformando que o espaço familiar constitui o primeiro momento da instituição das relações de gênero, reforçando a afirmação de FARIA e NOBRE (1997:20), de que

a família é considerada o lugar de socialização das crianças, o lugar onde se riam e se educam. É na família que as crianças fazem seus primeiros aprendizados para a divisão sexual do trabalho e é nesse ambiente que elas adquirem grande parte da sua identidade de gênero. É na família que a criança começa a aprender o que é “ser homem” e o que é “ser mulher”.

O desenvolvimento de algumas atividades nas escolas, como a dança da ciranda, por exemplo, foram realizadas na perspectiva de despertar a compreensão de que a divisão de espaços e lugares masculinos e femininos é construída e

instituída social e culturalmente. Portanto, elas podem ser desconstruídas e reconstruídas a partir de uma perspectiva histórica, como recomenda SCOTT(1999), para quem devemos,

nos perguntar como as relações entre os sexos foram construídas em um momento histórico, por que razão, com que conceitos de relação de forças, e em que contexto político. (...) A diferença dos sexos é um jogo político que é, ao mesmo tempo, jogo cultural e social. Para mim o mais importante é insistir sobre a historicidade das relações homens/mulheres, as idéias e os conceitos da diferença sexual. (SCOTT, 1999:123-124).

Nas representações das comunidades, por sua vez, a compreensão sobre a distinção entre “trabalho de homem” e “trabalho de mulher” ainda é bastante visível. Para muitos, homens e mulheres, as mulheres podem até fazer o serviço da roça, mas “é obrigação” delas cuidar da casa e dos filhos. Os assentados e assentadas reconhecem que algumas mulheres fazem trabalhos e agricultor, como “brocar”, arrancar touco, mas, na maioria dos casos, este trabalho é desempenhado em uma situação de excepcionalidade, como a viuvez, a separação do marido, ou quando o pai tem apenas filhas mulheres e elas são levadas a trabalhar na roça para *ajudar*. A compreensão do trabalho feminino fora de casa, sobretudo, na agricultura, é sempre vista, como uma “ajuda”, descaracterizando qualquer compreensão do valor social deste trabalho, a exemplo do que também acontece com o trabalho doméstico, visto como inerente a “condição feminina”.

Os homens também enfatizam que o trabalho da agricultura era apenas para os homens, por ser um “serviço pesado”, portanto, inadequado às condições físicas das mulheres. Eles encaram com certa ironia a provocação do que podem realizar as tarefas das mulheres em casa, sobretudo, cuidar dos filhos, lavar, cozinhar, limpar a casa.

A positividade dos resultados obtidos pode ser expressa na participação mais ativa de mulheres de alguns assentamentos em atividades públicas até então assistidas e/ou desempenhas por homens, a exemplo da reunião anual de avaliação da Comissão Pastoral da Terra (CPT-SERTÃO), entidade que dá apoio político ao assentamentos. Neste sentido, a continuidade das atividades se insere na perspectiva da interação da universidade com a sociedade na busca da construção de novas modalidades de conhecimento e de compreensão, explicação e transformação da realidade.

## Referências

Arquivo da CPT-Sertão.

BANDEIRA, Lourdes. Relações de Gênero, Corpo e Sexualidade. In: **Série Sociológica**. Nº 162. Brasília: UNB; 1999.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CHAUI, Marilena de Souza. **Escritos sobre a Universidade**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

CPT – Regional Nordeste. **Entrando no Terceiro Milênio**. Recife, 2000.

FARIA, Nalu. NOBRE, Miriam. **Gênero e desigualdade**. São Paulo: SOF, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

**Gênero e Políticas Públicas**. Boletim CIM. Nº 18, set. 1996.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis(RJ): Vozes, 1997.

MOREIRA NETO, Mariana. **Andando prá riba e pra baixo – lembranças femininas: das barracas ao Assentamento de Acauã**. Dissertação de Mestrado. UFPB/PPGS: João Pessoa, 2001.

\_\_\_\_\_. A categoria “gênero”: considerações acerca de suas variações e validade. **Política e Trabalho**. Ano 16, Nº 16 (2000). João Pessoa: PPGS-UFPB, 2000. P. 137-149.

MORENO, Monserrat. **Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola**. São Paulo: Moderna; Campinas(SP): Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1999.

NOLASCO, Sócrates. **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

PORTELLA, Ana Paula. GOUVEIA, Taciana. **Idéias e dinâmicas para trabalhar com gênero**. Recife: SOS Corpo, Gênero e Cidadania, 1999.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Sociedade**. Porto Alegre, 16(2): 5-22, jul/dez. 1990.

SOIHET, Rachel. História das Mulheres e história de gênero – um depoimento. **Cadernos Pagu** (11). PAGU – Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, Campinas(SP): 1998.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. In: **Estudos Feministas**. CFH/CCE/UFSC. Vol. 9. 2001. P. 460-481.